



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por JOSE AUGUSTO DO VALE
Desenhos de A. CASTAÑE

HOUVE, em tempos, um avaro que passou toda a sua vida a fazer economias, trincando, quasi sempre, o pão duro e a fruta avariada que não podia ser vendida na praça. Tudo quanto era lucro, aferrolhava. Em resumo, nunca foi bom para ele nem para as pessoas que o rodeavam.

Um dia, como já não sabia onde havia de esconder o dinheiro, pôs-se a cogitar e resolveu-se a enterrá-lo junto duma prolongada moita de carvalhiças. A hora escolhida foi o lusco-fusco, para que ninguém o reconhecesse. Mas, na ocasião em que abria a cova, mal sabia ele que um animal, muito curioso, o espreitava. E esse animal era o *Noitibó*, ou *Noutibó*, ave pardacenta, noctívaga, que passa o tempo a beneficiar os campos, fazendo grandes caçadas aos besouros, caracois, lés-mas, etc., etc.

As pessoas ignorantes atribuem-lhe uns certos rodeios de superstição. Mas deixemos isto e vamos ao avaro.

Completo ele a operação, isto é, o enterro duma caixa com muito dinheiro, e foi deitar-se muito satisfeito com a sua vida.

No dia seguinte, também ao anoitecer, passou pelo sítio um velho caçador que se tinha notabilizado, fazendo muito bem a diversos azilos. Reparou na terra mexida e quedou-se um pouco a pensar. Então o *Noitibó*, persuadido de que ele não desconfiava do tesouro que ali estava escondido, e tendo a convicção de que um tal achado, nas mãos do caçador, teria um belo destino, logo, dum recanto da moita, lhe disse:

— «Caval... caval... caval...»

O caçador não fez grande caso do que o *Noi-*



tibó queria dizer com tal expressão, e seguiu para diante.

Mais tarde faleceu o avaro, sem ter deixado dito onde o tesouro se encontrava.

Ora como o referido tesouro não foi descoberto pelo caçador nem por quaisquer pessoas que por lá têm passado, a-pesar do *Noitibó* lhes ter dito: — «Caval... caval... caval...», lá permanece no mesmo lugar

(Continua na página 3)

O Ódio do Mestre Ratão



Matheus Jun^{or}

Por MATHEUS JUNIOR

Desenhos de Adolfo Castañé



A vasta czinha do sr. Morgado, em pequeno buraco, com largas vistas para o caixote do lixo, vivia um ratão de maus tigados, pai de seis filhos, uns verdadeiros maltrapilhos e duma filha — a Fifi — bondosa e linda como as flôres.

Nas proximidades do caixote do lixo, atrás duma arca velha e carcomida, morava outro rato, um bom velhôte de barba branca, mas ainda assim bem conservado.

Tinha êste dois filhos, o mais novo dos quais — o Quim — contava apenas três semanas no rol da existência.

Entre os dois vizinhos havia uma certa rivalidade, motivada por questões antigas e por nós ignoradas.

O certo é que mestre ratão votava um grande ódio ao seu vizinho, chegando, por vezes, a ameaçá-lo de morte e se não fôra a intervenção duns ratos mais sensatos, teríamos a lastimar uma desgraça.

Ora, um dia, por uma tarde quente de Julho em que o sol se escondia por detrás dos montes, passeava o Quim pela vasta czinha, em busca duma côdea de pão duro ou pedaço de queijo mal guardado.

Estava no melhor do passeio, quando os seus olhinhos, piscos, se fixaram, demasiadamente, na Fifi, que estava ocupada em roer uma côdea.

— «Ó Quim, desejás atacar comigo esta dura côdea?» — disse a Fifi, com o melhor dos seus sorrisos.

O Quim, que sentia, por esta, viva simpatia, aceitou e por entre alegres gargalhadas, o petisto lá desapareceu na guela dos dois comilões.

Os encontros, entre ambos, amiudaram-se e, passados poucos dias, já o namoro era certo.

Os irmãos da Fifi é que não viam com bons olhos êste amor e, um belo dia, contam tudo ao pai que fica furioso, a ponto de pegar num cacete e dirigir-se, com seus filhos, para o buraco do seu vizinho, desafiando-o para a luta.

Este farto de insultos, apesar do número consideravel de inimigos, sai com seu filho mais velho e a luta que se trava é medonha.

Cacetadas á direita e pauladas á esquerda, vão dizendo os contendores. Restam de pé, os dois velhótes que, apesar da idade, ainda dão provas de heroismo.

Mas eis que aparece o bichano do sr. Morgado e limpa o chão, pejado de cadáveres, passando, também, á guela os dois velhos, empenhados na vitória da luta.

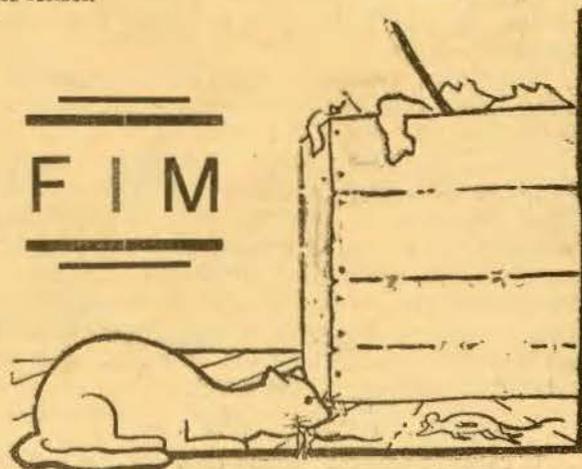
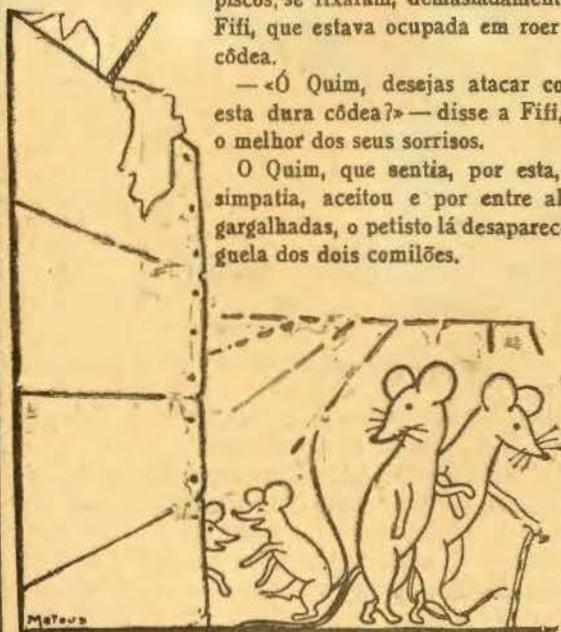
Desta cena sangrenta resta apenas o Quim e a Fifi, vítimas inocentes do ódio de seus pais.

E, num dia triste, cheio de nuvens pesadas, a toldar o céu, lá partem os dois orfãos, em busca da felicidade sohnada, fugindo para longe daquelas parágens que trazem á ideia tristes recordações.

O tempo passa com a monotonia de sempre.

Um ano depois, por uma tarde quente de Julho, igual áquela em que começou o amor dos dois ratinhos, ouve-se uma algazarra que vai aumentando mais e mais, e, ao dobrar a esquina do caixote do lixo, aparecem: o Quim, e a sua esposa Fifi, tendo, por companheiros, dois filhinhos, gordos como texugos, alegres como passarinhos.

E' que o Quim e a Fifi, roídos pela saídade, voltam ao lar paternal onde, a par da desgraça, conheceram momentos felizes.



Bébé não quiere calçar-se

Por GRAGIETTE BRANCO

V^A.
Então?!
Com atenção,
Tátá!
A meiazinha...
vá.
— Mamã?
— Anh!
— Não digas, que eu já sei.
— Já?!...
Faço idéa!...
Olha a meia,
Tátá!
— ... Eu não fiz nada...
— Não lhe alargues a entrada!
— Ah!...
Olha que esta
não presta.
Não é
dêste pé!
— Oh Tátá! Que idéas!
Que tôla que és!...
Não sabes que as meias
Servem nos dois pés?!
— Ah!...
— Pronto!
Está
pronto!
Agora os sapatos.
Tantos aparatos
para se calçar!...
Tátá! Devagar!

— Tam bem engraxados!
Olha como brilha!...

— O filha!
Esse não!
Não vês o botão
que está do outro lado?!



— Ah!...
pois é!...
— Vá!
— Olha para mim...
repara... anda... vê
como faz a Mãe...
Assim...
lindamente!...
Assim!... muito bem!

Ora, finalmente!
Oh! rico bébé!...
Há quási uma hora!
Que tempo, Senhor!...

— Mamã?...
— O que é?!
— Sou uma senhora?
— Pois és, meu Amor!

■ ■ F I M ■ ■

A DENUNCIA DE NÓITIBÓ (Continuado da página 1)

E como a nossa conhecida avezinha sabia que uma riqueza, eternamente perdida não dá proveito a ninguém, decidiu convocar todas as suas irmãs, fazendo-lhes ver que haveria toda a vantagem em denunciar o tesouro escondido, visto as circunstâncias, que se tinham deparado, serem tão propícias. Houve quem chamasse linguareiro ao Noitibó denunciante, por manifestar o que estava escondido. Mas, também, houve quem aplaudisse o seu acto pelo benefícios que tal dinheiro podia trazer.

Encerrados os debates, o que é certo é que ficou, finalmente, assente — «que todos os Noitibôs, durante o lusco-fusco, deveriam sempre dizer: — «Caval... caval... caval...» — até que o tesouro fôsse descoberto.

E, como até hoje, ainda ninguém o encontrou, é por isso que tais avezinhas nos diferentes recantos da terra, junto á noitinha, continuam a dizer: — «Caval... caval... caval...»

■ ■ F I M ■ ■



por LUIZ FERREIRA—TIO LUIZ

Desenhos de TIO-TONIO

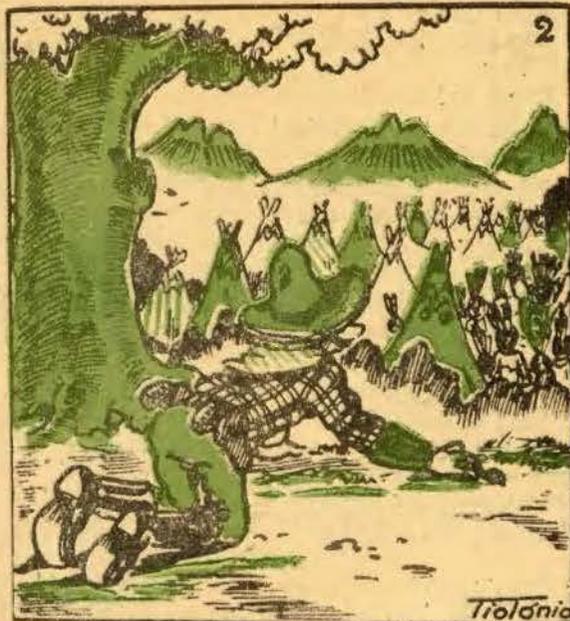
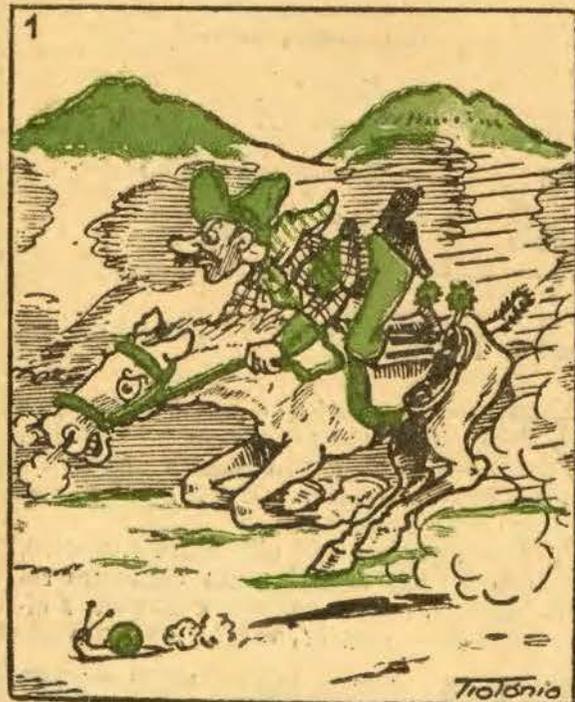
3.º EPISODIO

A CHIBATINHA VITORIOSA

NOTÍCIAS de procedência oficial (capitão ou major, pelo menos) davam conta do irrequietismo dominante nas tribus zalamacoides. Não se sabia bem qual a razão porque esses índios, tão pacíficos que poderiam servir de exemplo a qualquer oceano com as mesmas características, haviam já destruído várias aldeias e—com o intuito de suspenderem a navegação fluvial—bebido as águas de várias rios, ribeiros e até dum ribeirinho que andava a murmurar.

O governo dos ovos estrelados, perdão—da bandeira estrelada da Grande Confederação norte americana, resolvera, em face dos acontecimentos, tomar medidas enérgicas e rápidas, de forma a assegurar o próprio prestígio e o regresso ao labor quotidiano dos peles vermelhas exaltados.

Não ignorando que os índios só podem ser vencidos pela astúcia, as autoridades encarregaram Ginger Beer de liquidar o assunto, passando-lhe procuração, com todos os poderes, no cartório dum notário fanhoso e exímio tocador de violino.



Ginger Beer, muito senhor de si e do papel, de vinte e cinco linhas, que ia desempenhar, computou em quatro mil e quinhentos—(uma libra antiga!)—o número de índios revoltados.

Como capturar tão elevado número de belicosos? De que ardis se deveria servir para inutilizar os destroços duma campanha a eternisar-se? Reuniu em conselho todos os botões de que dispunha e após uma assembleia geral a que todos concorreram, saindo das respectivas casas, foi aprovado *una voce* (esta *una voce* é uma pitadinha de erudição que não faz mal a ninguém...) dispensar a cooperação das tropas de terra, mar e ar. Ginger Beer sósinho esmagaria os insurrectos, fazendo-lhes ver que não era impunemente que se brincava às revoluções.

Disposto, portanto, á homérica façanha façanhuda, o glorioso cow-boy preparou-se para ir ao encontro dos zalamacoides.

Tomou banho de imersão em água tépida, giletizou os calos, menos um que tinha interposto *agravo* para uma suprema inflamação, vestiu roupinhas lavadas, envergonhou o fato de vaqueiro do Far-West, calçou as botifarras de pele de zebú (como estás tú?) e dando uns retoques nos bigodes e nas sobrancelhas, foi ter com o *Trovão*. O fidelíssimo bicho, quadrúpede de natureza mas bipede pela inteligência coruscante de que estava possuído, dormia e



sonhava. Pelas ventas dilatadas (podia escrever-se narinas, mas é demasiado quinhentismo para um corcel...) a respiração forte e compassada, fazia agitar brandamente uns restos de «amayonaise» de feno, fava e milho. «Milho pouco, visto os Bancos não descontarem com facilidade...

Depois de contemplar o velho companheiro de lutas, Ginger Beer acordou o *Trovão*. Este, aborrecido com aquela intervenção patronal, a horas tão matinais, ractocinou:

— Temos «história»! Ainda hei-de vir a ser tão popular como o meu colega de Troia!

Ergueu-se, relinchou em si bemol, muito mole, mesmo, por causa do calor e dispôs-se ao «sacrifício».

Ginger Beer ajazezou-o e selou-o, pondo-lhe uma estampilha de cinco dólares no dorso... Já no pátio, contíguo á cocheira, onde *Trovão* passava horas de repouso, Ginger Beer cavalgou... Uma cócegas na barriga com as esporas e o brioso cavalo voava pela estrada distrital 100.049 com velocidade superior á de qualquer comboio ao passar perto do ex-fatídico ex-arco de Chelas...

Para lá dos Montes Plim-Plão, mandam os que cá estão! Assim pensavam os revoltosos vermelhos, supondo que ninguém ousaria tentar a sua sujeição. Não ignoravam que as anfractuosidades, os desfiladeiros, barrancos e mais exquisites existentes nesses Montes, os tornavam quasi inacessíveis. Pontos havia que eram autenticas armadilhas aos núcleos de tropas que os quizessem cercar. Confiavam, pois, na impunidade! Dia a dia, os seus crimes tomavam um maior incremento, reduzindo a torresmos as herdades de pequenos lavradores, roubando, saqueando, e imolando á sua desmedida gula, os gados lanígeros, caprinos e vacuns... oil company! Mal sabiam eles, zalamacoides sanguinários, outr'ora meigos e suaves como róis, que Ginger Beer se aproximava a toda a força das quatro patas do *Trovão*.

A meia milha de distância dos Montes, Ginger Beer aplou-se e recomendou ao bicho-camarada:

— «*Trovãozinho* amigo: Aguardas aqui o meu regresso durante seis horas. Se não voltar, é porque perdi a cartada e os zalamacoides me cozinharam «au soufflet»... Se essa tragédia se der, não chores, meu velho, não chores porque é feio um cavalo chorar... Dá cêbo nas ferraduras e vai comunicar ao mundo o meu passamento... aos esfagos zalacoidianos. O cavalo ouviu a eloquente oratória deu o seu assentimento com os mais impressionantes dois minutos de silêncio que jamais se têm verificado no orbe e foi esconder as suas penas (cavalo com penas dá a

ideia de avestruz...) para debaixo dum pinheiro bravo. (Bravo! Bravo, muito bem!)

Ginger Beer, com pezinhos de lã, apesar de usar meias fio de Escócia, começou galgando os montes. De vez em quando parava para descansar e, simultaneamente, dar os últimos retoques ao plano de combate que levava encaixilhado nos miolos.

Uma hora de penosa marcha, com silvas e ortigas, limitada, a apoquentarem-lhe a cútis das mãos, conduziu-o a um planalto verdejante. Estendido no solo viu, á distancia regulamentar de duzentos passos, quatro mil e quinhentos peles vermelhos. Rodeavam um gigante cõr de coloráu picante, encharcado em óleo de cachalote que prégava um discurso pleno de entusiasmo. Falava pelos cotovelos e os tornozelos também se manifestavam! Arengava assim:

— Devotados companheiros! Está soando para nós (efectivamente o prégador transpirava por todos os poros...) a aurora da liberdade! Já que iniciámos este movimento, contra os rostos páldos, devido a eles nos recusarem a livre «antropofagia...»

— Daqui ninguém foge! berraram quatro mil quatrocentas e noventa e nove vozes!

— Não é isso, oh irmãos! O que eu quero dizer é aquillo que vós bem sabeis! Os brancos não admitem que nós sejamos antropófagos, que comamos carne humana! Idiotas! Como se houvesse melhor alimento que umas costeletas de mancebo de 18 anos ou um chispe de veterano de setenta Janeiros!

— Apolado! Apolado!

Ginger Beer, horrorizado com tão estranho pantagruelismo, fõra aproximando-se dum castanheiro, disposto a dar... «castanha» aos canibais.

Sem que o orador e o auditório dessem por tal, encarpitou-se na arvore e iniciou o ataque.

De que forma?

Pegou numa chibatinha de que ia munido e com quanta força tinha deu um carfõ tremendo no indio que lhe ficava mais á mão de semear

O alvejado deu um berro tremendo e virando-se para b camarada do lado esquerdo, endossou-lhe a responsabilidade:

— Patife! Para que estás aos sócos ao teu primo? Espera aí que eu já te ensino.

E com dextreza, empregando a esquerda, ofereceu ao primo um directo ás fossas nasais que o pôs logo «K. O.». Um tumulto horrível se seguiu. Formaram-se partidos que

(Continua na página 7)

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

VENCEDORES DA VI SÉRIE

Que por erro de data chegaram atrasados: — Leunamy, Maria Fernanda L. A. Moreira, João da Cidade Jor, Paulo Martins Barata, Helios, El-Magrito, ? (Alvalazere), Grilinho, Ivo Farrusco, Guca e Nico, Natercia, D. Duarte.

VENCEDORES DA VII SÉRIE

Zé Fanfarrão, Gochicha, Ti-Bicas, Periquito da Nazaré, Antonio Barros, Perdígota de Entre-Campos, Jacintinho, Fagundes, Stop, Mibel, Rucas, William, Troca-Tintas, Gentil Pinheiro Machado, Edith Mary, Arsénio Lupin, Sherik-Holmes, Tininhas, João B. Campina J.or, Maria Zé, Iroupe Al-Capone, Zécalculos, Antonio da Gunha, Sofia Pedro, Futuro Almirante, Zé Meúdo, An-quis-cau, Dr. Genoura, Magister, Dr. Mangabeira, Decifradista, João Lourenço, Carlos J. F. Lourenço, Anibal Ortiz Martins, Jorge Carlos, António Martins, Tigre da Malasia, Rigoletto, El-diablio, Pica-Pau, Graco, Aramis, José Hespanha, Micles de Tricles, Morgan, El-Bravo, Lagarticha nervosa, Fidalgo dos Santos, Manecas de S.to Amaro, El-Magro, Andorinha, Antero dos Santos Ribeiro, D. Bibas, Oliva, Detective Amsdor, Brincalhão, Velha Peralta,

Um Obidense, Pirardieu, Desportista, Um de Marmeleira, Abelha-Mestra, Carvendai, Cheri-Bibi, Zequitolas, Kallia, Papagalho do Norte, Ken Manarda, José Maria (Campes), Nécas, Maria da Costa Dalin, Mascote, Bucha e Estica, N. Joyce, Homem-Macaco, Gochicho, H. Moniz, Natercia, Dorotea Duarte, Lita, Leunamy, Dr. Planança, Fernando E. Notrena, Vencedor, D. José Caranguejo, El-Magrito, Guca e Nico, Um dos Doze, Clane de Salreu, Migu, El-Rel Gomos V, O Presbítero, Rei da Itália, Maria de Lourdes, Her-Latino, Zéfiro, Maria Fernanda L. A. Moreira, Hanauiz, Faktir, Saricote, Texas-Jack, Lourdes, Manuela, V. Sereno, Joao da Cidade J.or, Paulo Martins Barata, Doutor Charadista, Izabel Maria, Bê, Henrique J. M. Camela, Helios, ? (Alvalazere).

Com 9 Decifrações: — Um novo decifrador, Armando Saurnino, Maria do O', Alfredo Lopes Cascais, Rel-Roca, Tim-Tim.
Com 7 Decifrações: — Lauro Adalberto, Miguel Almeida.
Com 6 Decifrações: — D. Quixote.

VENCEDORES DAS SÉRIES II A VI

(Com direito ao sortelo)

Perdígota de Entre-Campos, H. Moniz, N. Joyce, Piorra, Marmelo Verde, Leão das Selvas, Don Fafe

Pedimos a estes concorrentes que nos enviem com a possível brevidade o seu retrato, para procedermos ao sortelo dos três prémios, nas condições do concurso

Premiados na Série I a V

N. JOYCE, D. FAFE, LEÃO DAS SELVAS

Que receberão por estes dias um lindo livro de contos

PREMIOS DE CONSOLAÇÃO

JOSÉ HESPANHA, EL-GORDO e H. MONIZ

Que receberão como prémio de consolação a linda construção de armar O avião «Junkers» por Tio Tónio

IX Série

CHARADAS EM FRASE

- 1.ª — Olhei para o artigo escrito pelo homem, dono daquele estabelecimento. 1-1-2
Berimbau
- 2.ª — Com esta conjunção de tanto brilho entrei na povoação. 1-1.
Fidalgo dos Santos
- 3.ª — Com esta cor vi aqui a fêmea de um passaro. 2-1.
Cochicho
- 4.ª — Ali dentro meti este salolo. 1-1.
Zé Códexas
- 5.ª — A patroa diz que entregou o cesto ao homem. 2-1.
Sherlock-Holmes
- 6.ª — Nota que este suco é uma recapitulação. 1-2.
Anibal Ortiz Martins
- 7.ª — Aqui está um rol do homem que extrai os caios. 1-2.
Manueta Vestidada Sereno
- 8.ª — Os resíduos da bebida apagam-me o desenho. 2-1.
Rei da Itália
- 9.ª — Este homem toma nota de tudo quanto faz, por ser um grande maroto. 3-1.
Ber-Latino
- 10.ª — Este homem tem sangá a outro homem. 1-2.
O Presbítero
- 41.ª — A luz de uma pequena vela já se contemplava o passaro. 2-2.
Antonio Martins

12.ª — A madeira arde porque é rija e faz uma ferlêa. 2-2
Agua Negra

18.ª — Colado no rosto deste homem está um rebuçado. 2-2
Zécalculos

14.ª — Mirel esta mulher com pena na fortaleza desta cidade portuguesa. 1-2-1-3.
Manueta Vestidada Sereno

15.ª — Num estabelecimento de aqui comprei esta peça de vestuário. 2-1
Edith Mary

16.ª — Mirel esta mulher com pena na fortaleza desta cidade portuguesa. 1-2-1-3.
Manueta Vestidada Sereno

15.ª — Num estabelecimento de aqui comprei esta peça de vestuário. 2-1
Edith Mary

15.ª — Num estabelecimento de aqui comprei esta peça de vestuário. 2-1
Edith Mary

15.ª — Num estabelecimento de aqui comprei esta peça de vestuário. 2-1
Edith Mary

No proximo número CHARADAS SINCOPADAS

As soluções destas charadas, devem estar em nosso poder até às 18 horas do dia 22 de Outubro. Figurando no Quadro de Honra, os concorrentes que decifrem pelo menos dez charadas.

IMPORTANTE — Problemas, charadas, adivinhas, etc., a remeter, deverão vir em pedaços de papel separados, escritos de um só lado, com o nome ou pseudónimo do autor e respectiva solução.

TIO TÓNIO

Rua do Século, 43

L I S B O A

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 349 (VII Série)

- 1.º — Pacato
- 2.º — Caparica
- 3.º — Leira
- 4.º — Luiza-Luza
- 5.º — Carlota-Carta

- 6.º — Agil-Liga
- 7.º — Amora-Aroma
- 8.º — Rinoceronte
- 9.º — Século
- 10.º — Casaco ou Casaca

“Zé” Cabeça de Alho-Chôcho



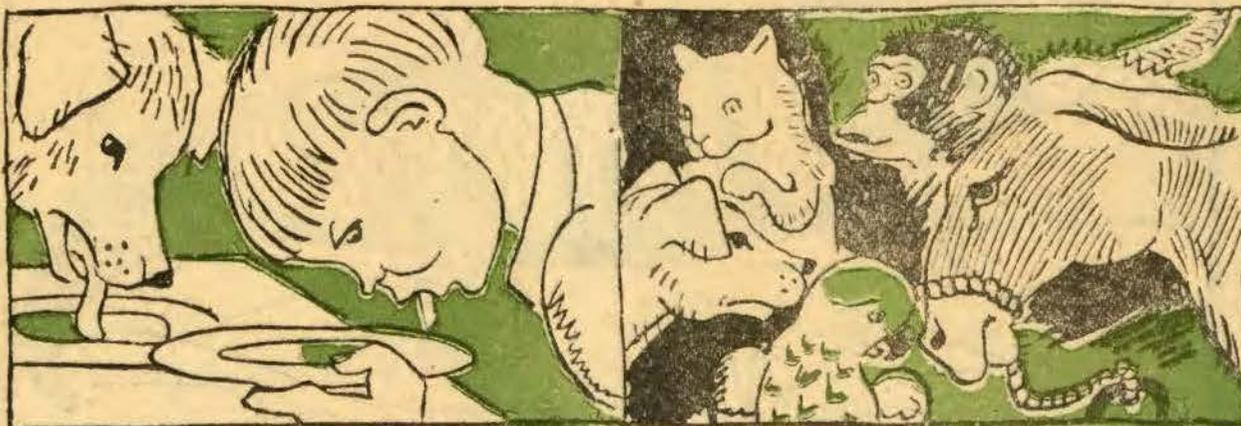
I — «Zé» Cabeça de Alho-Chôcho eis a alcunha dum rapaz, que, tal como o seu «Carôcho», muito dorme e pouco faz.

II — Papagueando as lições, tal e qual como o seu «loiro», nos liceus, entre questões, era um eterno caloiro.



III — Com seu ar sempre casmurro a jogar à cabra-cega, era tal qual como um burro, na nora, à hora da rega.

IV — Macaqueando o que via e que de feio só tinha, nosso «Alho-Chôcho» dir-se-ia o macaco da vizinha.



V — A's vezes, lambendo o prato, à hora da refeição, era tal qual como um gato, ou melhor, como o seu cão.

VI — Que tristes comparações a que se presta um pateta e os meninos mandriões como o desta historietal!